

ITATIBA: ARQUEOLOGIA DA MACRO-REGIAO HISTÓRICO DAS PESQUISAS

A bacia do médio rio Tietê, região de nosso projeto de pesquisa e licenciamento, na porção nordeste de São Paulo, possui registro dos sítios arqueológicos mais antigos do Estado:

“Tanto a ocupação pré-colonial quanto a ocupação colonial de São Paulo encontram-se espacialmente associadas ao litoral e as mais importantes bacias hidrográficas que contornam e cortam o estado” (Caldarelli 2002).

Esta região vem interessando há muito colecionadores e pesquisadores devido à abundância de vestígios arqueológicos, principalmente a existência de material lítico lascado, destacando as pontas de projétil bifaciais e raspadores diversos feitos de sílex. É importante enxergarmos a região livre de suas fronteiras políticas atuais, mas visualizando a partir das bacias hidrográficas. É de se supor que a região tenha sido uma área de encruzilhada, onde grupos de caçadores-coletores ali chegados por volta de 6000 anos AP, confluíam, entre os domínios do Cerrado e da Mata Atlântica, durante as suas migrações.

Os primórdios do povoamento restringiram-se a área litorânea, pela maior facilidade de, a partir dela, se manter contatos com a metrópole; pela importância de fixar nela contingentes humanos que obstassem a invasão do continente por conquistadores estrangeiros; pela dificuldade de se transpor a barreira natural representada pela Serra do Mar; pelo desconhecimento do território interiorano e pelo medo dos indígenas que habitavam a hinterlândia (Caldarelli 2002).

A pesquisa bibliográfica abrangeu a investigação sobre as ocupações pré-históricas e históricas. No Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA/IPHAN foram encontradas apenas onze referências de sítios localizados em 3 municípios da Região Metropolitana de Campinas (composta por 19 municípios), apesar de sabermos da existência de pelo menos 2 sítios arqueológicos em Itatiba (não presentes no catálogo do IPHAN), mas nenhum até o

momento em Valinhos.

Os sítios cadastrados foram encontrados em Campinas, Monte-Mor e Santa Barbara D'Oeste. Sabemos que isto não reflete a realidade, já que a região vem sofrendo uma série de intervenções arqueológicas por parte de grandes empreendimentos realizados na região (licenciamento ambiental).

Essa exiguidade de sítios cadastrados não significa necessariamente ausência de evidências de ocupações pré-coloniais e históricas, mas apenas que tais evidências não foram registradas ou o registro não foi feito da maneira mais adequada. Abaixo segue uma pequena descrição de cada um dos sítios cadastrados no CNSA/IPHAN:

- **CAMPINAS**

1- **Sítio cerâmico Santa Paula** (zona 23 289953 E / 7482956 N), localizado em fazenda homônima, próximo ao rio Atibaia (bacia do rio Tietê), com área de 1.000 m². Presente em área de planalto, na base de vertente, é um sítio cerâmico a céu aberto de natureza unicomponencial. Seus principais fatores de destruição são atividades agropastoris (área de pasto) e a construção de moradia.

2- **Sítio lítico Morro Azul** (zona 23 276494 E / 7464531 N), localizado na fazenda Santo Antônio do Morro Azul, bairro Terra Preta, próximo ao córrego do Banhado. Presente em área de planalto, a meia encosta, é um sítio de natureza lítica, unicomponencial, a céu aberto. Seus principais fatores de destruição são atividades agropastoris (área de pasto) e a construção de estrada.

3- **Sítio histórico Souzas I** (zona 23 297223 E / 747235 N), em localidade da RIPASA, próximo ao córrego Pedra Alta, com área de 2.800 m². Presente em área de meia encosta é de natureza histórica, multicomponencial, a céu aberto com seus vestígios dispersos em superfície. Seus principais fatores de destruição são atividades agrícolas (plantação de eucaliptos) e a construção de estrada.

- MONTE MOR

1- **Sítio lito-cerâmico Santa Sofia** (zona 23 259579 E / 7461543 N), localizado em sítio homônimo, na bacia do rio Piracicaba. Presente em área alagadiça, este sítio distribui-se com vestígios a céu aberto e profundidade (de natureza multicomponencial). Seus principais fatores de destruição são atividades agrícolas mecanizadas, levando à destruição e misturando os vestígios em superfície e das camadas em sub-superfície.

2- **Sítio lito-cerâmico Rage Maluf** (zona 23 264159 E / 7458476 N), localizado em sítio homônimo, próximo ao rio Capivari-Mirim (bacia do rio Piracicaba). Presente na planície de inundação do referido rio, encontra-se com sua distribuição em superfície e profundidade. Seus principais fatores de destruição são atividades agropastoris (área de pasto, plantio de cana de açúcar, construção de edificações e estrada).

- SANTA BÁRBARA D'OESTE

1- **Sítio lítico Balsa** (zona 23 254697 E / 7487578 N), localizado próximo a ponte da estrada da Balsa, rio Piracicaba, com área de 5.000 m². Presente em área de planalto, a meia encosta, exposto a céu aberto, com contexto deposicional em superfície e profundidade, de natureza unicomponencial. Seus principais fatores de destruição são atividades agrícolas (plantio de cana de açúcar) e a erosão pluvial.

2- **Sítio lítico-cerâmico Barroco** (zona 23 250862 E / 7485171 N), localizado no entroncamento da Rodovia Santa Bárbara-Iracemópolis, em córrego pertencente a bacia do rio Piracicaba, com área de 15.000 m². Presente no topo de elevação, exposto a céu aberto, com contexto deposicional em superfície e profundidade, de natureza multicomponencial. Seus principais fatores de destruição é o rearranjo e deposição de lixo, além da erosão pluvial.

3- **Sítio lítico da Lagoa** (zona 23 248784 E / 7482520 N), localizado no bairro Barraca, córrego Santa Bárbara. Presente em área de planalto, a meia encosta, exposto a céu aberto, com

contexto deposicional em superfície e profundidade, de natureza unicomponencial. Seus principais fatores de destruição são atividades agrícolas, construção de estradas e a erosão pluvial.

4- **Sítio lítico Matão** (zona 23 249575 E / 7478939 N), localizado no bairro do Matão, propriedade da Usina Azanha, córrego do Gavião, bacia do rio Paraná. Presente em área de planalto, a meia encosta, exposto a céu aberto, com contexto deposicional em superfície e profundidade, de natureza unicomponencial. Seus principais fatores de destruição são atividades agrícolas e a construção de estradas.

5- **Sítio lítico Parada de Cillos** (zona 23 257072 E / 7479483 N), localizado no Parque Industrial Bandeirantes – Gleba 2, córrego Ponte Funda, bacia do rio Piracicaba, com área de 10.500 m². Presente em área de planalto, a meia encosta, exposto a céu aberto, com contexto deposicional em superfície de natureza unicomponencial. Seus principais fatores de destruição são atividades agrícolas e a erosão pluvial.

6- **Sítio lítico Toledos** (zona 23 247799 E / 7483611 N), localizado na faixa de domínio da Rodovia dos Bandeirantes, em córrego sem nome, da bacia do rio Paraná. Presente em área de planalto, em alta e meia encosta, exposto a céu aberto, com contexto deposicional em superfície e profundidade, de natureza unicomponencial. Seus principais fatores de destruição são atividades agrícolas e a construção de estradas.

Na região de Rio Claro, a partir de 1959, Altenfelder Silva, inicia suas prospecções nos municípios de Itirapina, São Carlos, Piracicaba e Pirassununga, realizando a identificação de mais de 80 sítios arqueológicos. A partir de 1966 Altenfelder é incorporado ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), coordenado pelos arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans. Sua visão era diferente daquela propagada pelo PRONAPA. O pesquisador achava por bem o mínimo de interferências possíveis nos sítios, apenas com coletas sistemáticas de superfície, pois considerava as demais intervenções

(quadradas de escavação, trincheiras) altamente destrutivas, só devendo chegar o pesquisador a esta solução quando os sítios se encontrassem irremediavelmente ameaçados ou quando algumas questões não pudessem ser respondidas sem que parte dos sítios fosse escavada.

Suas pesquisas revelaram uma predominância de sítios líticos em relação a outros (cerâmicos e de arte rupestre). Segundo Altenfelder Silva(1967) e Araújo (2001) as ocupações obedeceriam uma padronização espacial. Os sítios líticos estariam localizados próximos aos cursos d'água, em terraços fluviais ou elevações próximas a rede de drenagem. Os sítios cerâmicos se encontrariam um pouco mais afastados dos rios, em elevações que favorecessem a visualização da paisagem ao seu redor.

Posteriormente, Tom Miller Jr., que começara na arqueologia como assistente de Altenfelder, desvincula-se das ações do PRONAPA. Suas atividades durante a década de 1960 proporcionaram o encontro de mais de 90 sítios arqueológicos (Miller, Jr., 1972:75). Diferente de seu mestre, Altenfelder, que enxergava nos sítios líticos rápidas ocupações (e consequentemente acreditando que seriam locais de passagem para os grupos caçadores do Holoceno médio), Miller acreditava que estas características poderiam representar uma intensiva e extensiva ocupação por um longo período de tempo. Outro ponto interessante diz acerca do encontro de vestígios lascados e polidos na região, denotando a possibilidade de não haver um hiato entre as populações que produziram estes artefatos, geralmente separados cronologicamente (líticos lascados mais antigos que líticos polidos), ou mesmo serem fruto de populações ceramistas, associada ao material polido, detentoras de técnicas de picoteamento e polimento. Para estes sítios da região de Rio Claro Miller obtém as datações mais antigas entre 3.330 a 3.140 a.C. (Miller, Jr., 1972).

Também durante a década de 1960 iniciou-se na região de Rio Claro a identificação e escavações de três sítios arqueológicos, por uma equipe do Museu Nacional do Rio de Janeiro, coordenados pela arqueóloga Maria Beltrão. O mais importante sítio encontrado durante as pesquisa foi o sítio lítico Alice Boër. Localizado num terraço fluvial apresentou datas (feitas por

termoluminescência e C14) entre 2.190 + 185 AP a 14.200 + 1.150 AP (Beltrão et al. 1983). Devido a uma série de problemas de registro a data mais antiga obtida (14.200 + 1.150 AP) foi colocada em dúvida já que haveria uma relação indireta entre o carvão datado e os vestígios arqueológicos, além de evidências claras de bioturbações na sua estratigrafia (Araújo 2001).

Desta maneira a data

mais antiga e confiável, feita através de amostras por termoluminescência (relacionadas a peças líticas com alterações térmicas) estariam em torno de 11.000 AP.

A não aceitação das datas do Alice Boër por parte dos arqueólogos se deu também pelo fato de a data não aceita, colocar a ocupação deste sítio contemporâneo aos sítios relacionados a cultura de pontas de projétil Clóvis, localizados nas planícies norte-americanas e visto como início do povoamento das Américas, considerados a época os mais antigos e com uma indústria lítica distinta. O sítio Alice Boër teria três momentos cronológicos sucessivos: o primeiro seria uma indústria lítica baseada no lascamento de seixos, sucedida por uma indústria de lascamento unifacial e por último uma de lascamento bifacial (Beltrão 2000:45).

No início da década de 1970, Uchôa realizou prospecções igualmente na região de Rio Claro, identificando 15 sítios, escavando um deles, o Sítio Pau D'Alho, de natureza lítica, obtendo uma datação de 4.350 a.C. (Uchôa 1988).

Entre as décadas de 1970 e 80, Pallestrini realizou levantamentos na bacia dos rios Piracicaba e Mogi Guaçu. Estas prospecções identificaram, no município de Santa Barbara D'Oeste, o sítio Cauby, apresentando exclusivamente vestígios líticos lascados feitos de sílex. A datação deste sítio se deu através de uma estrutura de combustão associada aos vestígios arqueológicos entre 4.230 e 4.180 a.C. (Araújo 2001). As análises mostraram que se tratava de instrumentos finamente trabalhados, com tecnologia de redução formal, com mais de 25% das peças com retoque (Morais 1982, 1983, Araújo 2001). Dentre os vários instrumentos encontrados destacam-se os

raspadores, pontas de projéteis, bifaces e percutores. Próximo ao rio Mogi Guaçu também foram identificadas estruturas cerâmicas (sítio cerâmico Franco de Godoy) datado em 1.550 AP, associado a Tradição Tupiguarani (Pallestrini 1981/82).

Na década de 1980 tem início o Programa de Pesquisas Arqueológicas no Vale do Rio Pardo, desenvolvida pela USP, sob a coordenação de Caldarelli e Neves. Estas pesquisas identificaram 16 sítios líticos a céu aberto, 8 sítios cerâmicos e 3 com gravuras rupestres (Caldarelli 1980, Caldarelli & Neves 1981, Caldarelli 1983, Afonso 1989). Foram obtidas duas datações para o sítio lítico Corredeira (3.440 ± 40 AP e 1.690 ± 50 AP) e uma para cada qual dos 4 sítios cerâmicos escavados: Lagoa Preta I (280 AP), Lagoa Preta II (250 AP), Tamanduazinho (990 ± 70 AP) e Bom Retiro (924 AP) (Caldarelli 1982/83, Caldarelli 1984/85, Afonso 1989).

Entre 1992 e 94 é efetuado o resgate na área da PCH Mogi Guaçu (municípios de Mogi Guaçu, Mogi Mirim e Itapira), revelando 5 sítios arqueológicos. Para um deles, o sítio Franco de Campos, foi feita uma datação que alcançou 780 ± 110 AP (Moraes 2007).

Em 1997, em vistoria realizada por conta de empresa arqueológica em ativo (2003), no município de Mogi Mirim, identificou-se o sítio lítico Bela Vista I, onde foram encontradas pontas de projéteis em sílex, obtendo-se datações por volta de 9.540 AP. Segundo Caldarelli (2002) a região do Vale do Rio Pardo pode ser considerada um ponto importante de ocorrências de sítios pré-cerâmicos, que sempre são abundantes em artefatos líticos fabricados pelo homem a partir de vários conhecimentos técnicos de lascamento, a fim de atender a uma necessidade funcional no qual necessitassem. Destacam-se as principais “ferramentas”, raspadores unifaciais de grandes dimensões, feitos de arenito silicificado.

Em 2001, durante os levantamentos e resgates na duplicação da rodovia dos Bandeirantes (SP-348) foram identificados 5 sítios líticos a céu aberto (3 em Santa Barbara D'Oeste, um em Campinas e outro em Limeira). Datações efetuadas no sítio Toledos (Santa

Barbara D'Oeste) alcançou datas entre 2.900 e 2.700 AP (Scientia 2001). No sítio Água Branca, também em Santa Bárbara, foram identificadas, em seus vestígios cerâmicos, características de três tradições cerâmicas distintas: Tupiguarani, Aratu e Uru. Aliado a este fato estaria a morfologia circular do sítio (recordando as grandes aldeias circulares dos grupos Jê do Brasil Central), com sua data de 205 AP e informações etnohistóricas que levam a possível interpretação de grupos afiliados ao Tronco lingüístico Macro-Jê (Moraes 2007).

Prospecções realizadas na zona da borda do planalto arenítico-basáltico em abrigos sob rocha, espalhados pelo vale do médio rio Tietê (Analândia, Corumbataí e Ipeúna), revelaram a existência de pelos menos 5 sítios de arte rupestre com motivos geométricos, linhas e pontos, associados a artefatos líticos lascados (de sílex e arenito silicificado) (Araújo 2001). É possível que haja muitos outros já que a região é rica em abrigos, mas que se encontram profundamente ameaçados devido à extração irregular de rochas para fornecimento ao mercado regional.

Mais especificamente sobre os municípios enquadrados neste diagnóstico não interventivo, foram encontradas informações sobre a presença de apenas 2 sítios, Itatiba e Itatiba II, sítios históricos em município homônimo, datados, a partir da faiança encontrada, no século XIX (Faccio et alli 2007). A faiança por ser um tipo de louça branca e ter um cozimento em temperaturas mais baixas e sua composição no que diz a respeito às frações de argila ser diferenciada, a deixa com um aspecto mais rústico do que o da cerâmica. Ela possui um esmalte poroso branco com uma queima preparada para receber pintura e decoração, sendo algumas de fabricação inglesa a partir do sec. XIX.

Atualmente estes sítios encontram-se destruídos e a pequena incidência de material construtivo sugere que durante o período de seu florescimento as construções existentes deveriam ser de taipa e que os vestígios diagnósticos, como telhas de barro, podem ter sido retiradas e reaproveitadas em outras construções, já que era comum o reaproveitamento destes vestígios pelas populações locais.

Segundo as fontes coloniais os territórios em que se erguem hoje o Estado de São Paulo dividiam-se entre grupos de etnolinguística Tupi-Guarani e os denominados “Tapuias”. Antes de prosseguirmos é importante ressaltar que esta visão do colonizador foi fortemente influenciada pelos olhos e relatos dos grupos Tupis, que travaram os primeiros contatos com os portugueses no litoral, e os acompanharam no desbravamento do interior, seguindo os inúmeros rios que seguem em direção ao interior (e consequentemente a bacia do rio Paraná).

Eram os grupos Tupi-Guarani os grandes agricultores das terras paulistas, cultivando milho e, principalmente, a mandioca doce (*Manihot sculenta*). Suas aldeias eram compostas por grandes malocas retangulares, com o teto abobadado e recoberto com folhas de bananeira, com base quadrangular distribuídas de maneira irregular, com a cobertura e a parede constituindo um único elemento, formando frontões e sem a ausência de suportes para a linha central a cumeeira, sendo habitadas por famílias extensas, chefiadas por um patriarca sendo que o alimento proveniente da pesca e caça era feito sobre fogueiras na parte de fora das habitações (Morais 2000).

Produziam cerâmica de alta qualidade, por vezes ricamente ornamentada, com desenhos em seu interior e/ou exterior, que levou alguns autores a propor a identificação de sibs ou clãs a partir dos grafismos da cerâmica e cestaria (Santos 2010). A pintura era feita em fundo branco na cor preta e vermelha, formando uma série de motivos geométricos (vasilhas e urnas funerárias). Além da decoração pintada possui uma série de elementos plásticos com motivos unguados, roletados, estriados, nodulados, digitados e incisos, de uma homogeneidade igual encontrada apenas nos domínios amazônicos (onde também se julga que estaria sua origem), o que facultou denominá-la, arqueologicamente, de Tradição Tupiguarani (assim mesmo, sem o hífen, para diferenciá-la de sua homônima etnolinguística). Tanto a forma como a decoração variavam de acordo com o uso que tinham. Suas vasilhas de cerâmica eram confeccionadas pela técnica do acordelamento, apresentando-se ora simples, ora decoradas com motivos digitais, ungueais, impressos, estriados, roletados, nodulados ou incisos. A decoração mais complexa era pintada,

que consistia na pintura de linha retas ou curvas, pretas, vermelhas ou pretas e vermelhas, formando motivos variados, aplicados sobre um fundo branco. As formas e tamanho das vasilhas variavam de acordo com suas funções (Caldarelli 2002).

Algo importante, relatado por todos os cronistas que se dedicaram a descrição do modo de vida Tupi, era sua índole e valor guerreiro. Sua sociedade girava em torno da vingança, da iniciação dos jovens e obtenção dos guerreiros de nomes, vangloriar com a morte do inimigo, através de sua caça e de seu consumo antropofágico em sacrifícios ritualísticos, material e imaterial, eliminando o “outro” e obtendo através dele uma série de dádivas que engrandeciam o homem Tupi, já ricamente descrita por vários autores do período colonial e contemporâneos (Staden 1970, Léry 1980, Métraux 1979, Viveiros de Castro 1986, Fausto 2001).

A maior parte da documentação colonial existente nos traz informações sobre a presença Tupi, sobretudo, no médio Tietê e no Vale do Paranapanema, implantados nos flancos das colinas em terras férteis para a agricultura. Estes Tupi (Tupinambá) estavam em franco conflito com populações Guarani (Carijó) do sistema hidrográfico Paraná-Paraguai e a entrada destes últimos no sistema do Tietê só se dariam com o fim destes conflitos e desaparecimento Tupinambá do século XVI (Mano 2006 apud Moraes 2007).

Na região de São Paulo localizavam algumas tribos Tupi, os Tupiniquim que mantinham relações com os Guaianá provenientes do vale do alto Paraíba e que se estendiam até as localidades de Piratininga. Dos Tapuia nossas informações são desencontradas, já que dentro desta denominação não havia uma homogeneidade como aquela que denomina os Tupi-Guarani, mas se enquadravam todos os grupos não-falantes de Tupi. Muitas fontes associam-nos aos grupos de língua Jê, também habitantes de terras paulistas e de suas fronteiras em períodos pós-cabralinos (Kaiapó no noroeste paulista entre os rios Grande e Tietê, Kaingang entre os rios Paranapanema, Ribeira de Iguape e Tietê e Puri vale do Paraíba, do oeste Xavante, nas margens do Rio Paraná). Alguns Tapuia (Tupiniquim) eram denominados de

Maromimi (ou Guarulhos) na Mantiqueira e os Guaianá localizados a nordeste. As informações que temos, descrevendo seus costumes e demais características, são escassas e imprecisas, não nos deixando alternativas para o aprofundamento de sua história.

Na região nordeste do Estado, temos também a denominação aos Bilreiros (nome dado aos grupos Jê pelas populações paulistas devido ao uso de bordunas, conhecidas como bilros, durante os conflitos) ou Caiapó (aqui referido de maneira genérica como a denominação Tapuia, distinta de Kayapó que define um grupo étnico Jê comprovadamente), este termo de origem Tupi- Guarani, que significaria “como macacos” (Mano 2006 apud Moraes 2007). O termo Caiapó não traria em si mais do que a diferenciação daqueles que o utilizavam para denominar o “outro”. Desta maneira encontramos uma grande distribuição dos Caiapó, desde a área foco deste diagnóstico, seguindo em direção ao triângulo mineiro, sul de Goiás e Mato Grosso.

A entrada do colonizador europeu neste sistema modificou-o profundamente. Extinguiu seus habitantes originais, incorporados ou massacrados, em curto ou em longo prazo, de acordo com os benefícios obtidos pelas alianças. Sua destruição, física e imaterial (costumes, crenças), só é lembrada nos dias atuais pela toponímia (Itatiba, Atibaia, Jaguari, Anhangüera).

A expansão e a definição de territorialidades no estado se deram em maior vantagem com os novos acessos para transpor a barreira orográfica representada pela Serra do Mar, por caminhos indígenas já pré-determinados, servindo para explorar áreas de cobertura vegetal mais ampla facilitando atividades agrícolas contando ainda com a facilidade de mão de obra em excesso por tribos já estabelecidas no interior do continente.

A utilização do catolicismo como instrumento colonial se deu a partir do estabelecimento dos aldeamentos indígenas, onde era colocada sob a mesma administração, inicialmente religiosa (jesuítica), mas que posteriormente deu lugar a administradores indicados pelo poder político local, indígenas de variadas etnias. O processo de catequese dos índios pelos jesuítas era feito através da reunião de diversos indígenas em um mesmo local seguindo todos

os moldes e tradicionalismo europeu. Esta política visava mesclar para desestabilizar que, sem uma unidade forte ligada por laços de sangue e a intangibilidade da cultura, esvaia-se e que o tempo tratava de fazê-los esquecer de através das gerações. Tornavam “destribalizados” e recebiam a alcunha de caboclos, juntos e misturados, recebendo em menor escala, nestes cruzamentos étnicos, elementos africanos e europeus.

Ingressavam nos aldeamentos apenas aqueles que eram simpáticos a dominação europeia, principalmente os Tupi, que não apenas auxiliaram nos desbravamento do interior (e principalmente das bandeiras paulistas em direção ao interior, chegando a Goiás, Minas Gerais e até a Amazônia), mas que ensinaram as formas de dominação do meio (cultivares, tecnologia material), até mesmo a sua língua, a “fala boa”, o Tupi paulista (ou Nheengatú), só deixando de ser uma língua oficial de terras brasílicas a partir dos decretos pombalinos da metade do século XVIII.

O desenvolvimento das bandeiras paulistas (séculos XVII e XVIII) e os vários caminhos que ligavam ao interior levaram a formação de pequenos núcleos urbanos, entrepostos para o fornecimento de bens as longas viagens em direção as minas auríferas e ao apresamento de “gentios”. Muitos destes caminhos cruzavam a região nordeste do atual Estado de São Paulo que, partindo de Piratininga, seguiam na direção oeste e norte. Guiados por indígenas muitos bandeirantes passaram por esta região, como a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva que em 1723, saindo da vila de São Paulo (atual cidade) cruzou os rios Atibaia, Jaquari, Mogi, Pardo e Sapucaí até chegarem ao rio Grande (Taunay 1953).

O declínio das bandeiras trouxe a estagnação, transformavam-se as terras paulistas apenas como local de passagem e de partidas, só modificada com o ciclo do algodão e do açúcar, antecessores do próspero ciclo cafeeiro do século XIX e XX. Foi a expansão cafeeira, no nordeste, norte e noroeste a responsável por subjugar e dizimar os últimos remanescentes indígenas livres da dominação nacional.